



# MARAMBAIA

**João André de Almeida Prado  
Paulo Eduardo Guerra**

# MARAMBAIA

1a edição.

JOÃO ANDRÉ MIRANDA DE ALMEIDA PRADO  
PAULO EDUARDO GUERRA  
(AUTORES)

**Editor:** João André Miranda de Almeida Prado

**Organização:** Paulo Eduardo Guerra

**Autores:** João André Miranda de Almeida Prado e Paulo Eduardo Guerra

**Fotografias:**

Ana Carolina Bressan

João André Miranda de Almeida Prado

Paulo Eduardo Guerra

Rhuan da Silva Conte

Rui Grombone Vasconcelos

**Mapas:** Jozrael Henriques Rezende, José Carlos Toledo Veneziani Júnior e Juliano Meneghello

**Mapa ilustrado:** Jorge Otávio Zuglani

**Pesquisador:** Juliano Meneghello

**Revisão:** Maria S. Delfiol Nogueira

**Capa e projeto gráfico:** Guilherme Luz Paulino Simões

Foto da capa: Parada da Várzea – Autor: Rhuan da Silva Conte

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Prado, João André Miranda de Almeida  
Marambaia / João André Miranda de Almeida Prado,  
Paulo Eduardo Guerra. -- 1. ed. -- Jauá, SP : Ed. do  
Autor, 2021.

ISBN 978-65-00-17306-2

1. História do Brasil 2. Jauá (São Paulo) -  
História 3. Meio ambiente I. Guerra, Paulo Eduardo.  
II. Título.

21-56566

CDD-981

**Índices para catálogo sistemático:**

1. História do Brasil 981

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



## **Agradecimentos**

Ao final dessa jornada, não poderíamos deixar de agradecer a Deus, aos membros da Secretaria Municipal de Cultura de Jaú, aos amigos Guilherme Simões pelo belo trabalho de diagramação e Jorge Zugliani pela colaboração. Agradecemos ao Prof. Jozrael Henriques Rezende pela cessão dos mapas. Agradecemos, também, aos amigos membros da Associação Jauense de Ambiente e Cultura: Edilene Guerra, Waldete Cestari, Giovani Fabrício e Flávio Ubaid. E ainda, agradecemos especialmente a Maria Delfiol pelo trabalho de revisão, Juliano Meneghello pelo apoio na pesquisa e Rui Grombone Vasconcellos, Rhuan Conte e Carol Bressan pelas fotos. Agradecimentos a Tercilia Pataro e Valéria Pataro que nos disponibilizaram o acervo de fotos da família, pelo elo aos familiares com as entrevistas e informações diversas.

Agradeço a minha família pelo incentivo e paciência em especial a minha querida esposa Luciana e minha querida filha Laura.  
(João André Miranda de Almeida Prado)

Agradeço especialmente a minha esposa Edilene e minha mãe, Dona Romilda e ao companheiro de longas jornadas na Marambaia, Paulo Fernando Campana.  
(Paulo Eduardo Guerra)

Projeto apoiado com recursos da  
Lei Emergencial Aldir Blanc número 14.017/2020



SECRETARIA ESPECIAL DA  
CULTURA    MINISTÉRIO DO  
TURISMO





INTRODUÇÃO	05
CAPÍTULO 1 <i>O QUE É A MARAMBAIA</i>	06
CAPÍTULO 2 <i>BREVE HISTÓRICO DA MARAMBAIA</i>	14
CAPÍTULO 3 <i>ROTEIRO PARA MARAMBAIA</i>	37
CAPÍTULO 4 <i>POR QUE PRESERVAR A MARAMBAIA?</i>	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	54

## Introdução

A vontade de escrever algo sobre a Marambaia esteve sempre presente, acredito que desde o momento em que começamos a frequentar o local em nossas atividades de observação de aves. Com o passar do tempo fomos observando que, além da quantidade surpreendente de espécies de aves, havia outras características muito interessantes. O regime das águas, por exemplo, mostrando a sazonalidade dos períodos de enchentes e vazantes é um fenômeno dos mais interessantes; os fragmentos de vegetação de Mata Atlântica ainda presentes com árvores até de grande porte; o relevo ora mais plano ora mais ondulado; o solo rico e argiloso que chamamos que “terra roxa”; a hidrografia com cursos d’água perenes e intermitentes, incluindo também belas lagoas; o fato também de ser uma localidade que está situada em três municípios (Jaú, Itapuí e Bariri). Entretanto, uma das coisas que mais nos chamou a atenção foi pensar na história de todos aqueles pioneiros e seus descendentes que habitaram e ainda hoje habitam a região da Marambaia em seus sítios, chácaras e fazendas. É intrigante observar a presença de casas muito antigas, capelas, estruturas para condução e reservação de água, tulhas, terreiros para secagem de café e cereais, túneis, pontes, diques de pedras e assim por diante. Outro fator que sempre vislumbramos foi o potencial turístico da região com possibilidade de agregação de renda aos proprietários e produtores rurais através do turismo rural, modalidade de turismo que mais cresce atualmente no Brasil. A prática de atividades esportivas de lazer como caminhadas, ciclismo, trilhas, camping, aliado a proximidade do núcleo rural do Pouso Alegre de Baixo são também oportunidades únicas, agregando também o turismo gastronômico. Tudo isso nos motivou a escrever sobre esse maravilhoso local ainda muito pouco conhecido da maioria da população urbana de Jaú e região. Acreditamos que este singelo trabalho de documentação e divulgação seja o primeiro que versa especificamente sobre este bairro rural de Jaú e região em seus aspectos gerais.

Desejamos também que o presente trabalho seja muito utilizado por professores e alunos para pesquisas e atividades diversas, em especial para educação ambiental, de modo a incentivar o público em geral a visitar e realmente conhecer a Marambaia.

Temos a certeza de que a informação e o conhecimento são as melhores ferramentas para despertar nas pessoas o sentimento de pertencimento e amor pela nossa natureza e história e, conseqüentemente, a vontade de lutar pela sua proteção e valorização. Quem conhece, preserva!

# CAPÍTULO 01

## O QUE É A MARAMBAIA

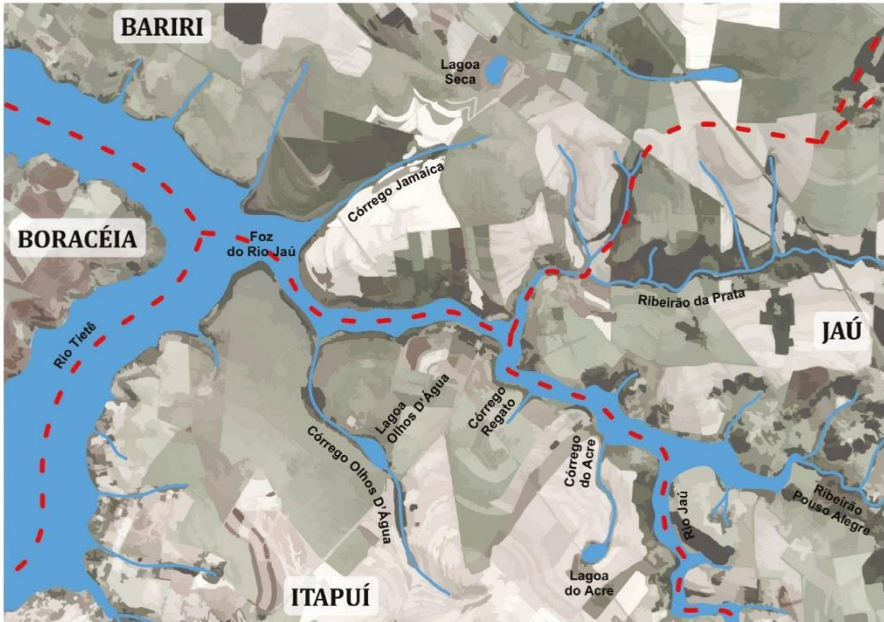
Marambaia é uma localidade no centro do estado de São Paulo na divisa dos municípios de Jaú, Bariri e Itapuí. A região assim denominada Marambaia é um complexo de águas, onde diversos córregos e ribeirões desembocam no Rio Jaú que por sua vez tem sua foz no Rio Tietê. Os principais são estes:

- **Córrego Olhos D'água** - Itapuí
- **Córrego Acre** - Itapuí
- **Córrego Regato** - Itapuí
- **Córrego Jamaica** - Bariri
- **Ribeirão da Prata** - Bocaina/Bariri/Jaú
- **Ribeirão Pouso Alegre** - Jaú
- **Rio Jaú** - Jaú/Bariri/Itapuí
- **Rio Tietê** - Bariri/Itapuí

Dentre esses cursos d'água se destacam, pelo volume, o Ribeirão da Prata (maior afluente dentre os situados na Marambaia) e o Ribeirão Pouso Alegre. No caso dos demais afluentes, são pequenos cursos d'água, a maioria intermitentes (descontínuos ao longo do ano), devendo ser dado destaque ao Córrego Acre, que apresenta uma peculiaridade, pois é proveniente da cheia periódica da Lagoa do Acre.

Importante também citar a presença da Lagoa Seca que fica em Bariri pouco acima das nascentes do Córrego Jamaica, porém sem extravasamento para este. Trata-se de lagoa de acumulação de águas da chuva podendo atingir área de espelho d'água de até 9 hectares em anos muito chuvosos. Situa-se em cota 90 metros mais alta que o Rio Tietê e a uma distância de 3,3 Km da borda do reservatório de Bariri. O último ano em que esteve completamente cheia foi em 2013.





Mapa 1 - Região Marambaia

Autor: Juliano Meneghello

**Hidrografia** é o ramo da Geografia responsável por estudar as águas do planeta Terra. O conjunto das águas de uma região ou país também pode ser chamada de Hidrografia. Entre os objetos de estudo dessa área estão: oceanos, rios, lagos, mares, geleiras, águas da atmosfera e do subsolo, etc.

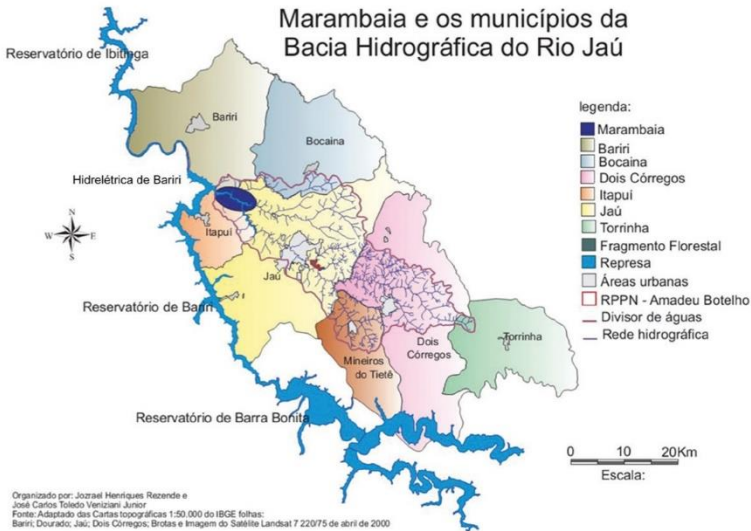
**Foz:** é o local onde uma corrente de água, como um rio, deságua. Sendo assim, um rio pode ter como foz outro rio, um grande lago, uma lagoa, um mar ou o oceano;

**Afluente:** é o curso d'água que deságua em um rio principal ou em um lago.

**Para saber mais:**

<https://beduka.com/blog/materias/geografia/o-que-e-hidrografia/>

<https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/partes-um-rio.htm>



**Mapa 2 - Marambaia e os municípios**

Vemos que na Marambaia se constitui um complexo de águas, não somente pelo emaranhado das águas fluviais (dos rios), mas também pela presença de extensos brejos (terrenos alagadiços), assim como, pelas diversas áreas de várzea que sempre se formam na época das chuvas.

**Planície de inundação ou várzea é toda a região à margem de um curso d'água que fica inundada durante as cheias.**

Este complexo de águas depende, após o represamento da Represa Hidrelétrica de Bariri em 1965, do regime das comportas da barragem. O relevo em geral é de um suave ondulado com colinas relativamente inclinadas até o terço médio da região, a partir do terço final do curso do Rio Jaú, mais próximo de sua foz com o Rio Tietê, a topografia (configuração de uma extensão de terra com a posição de todos os seus acidentes naturais ou artificiais) é mais suave. Esta região situa-se no Planalto Centro Ocidental do Estado de São Paulo sendo que sua formação geológica inclui rochas basálticas denominadas de Serra Geral. Já a unidade aquífera

pertence ao aquífero Serra Geral, importante manancial de água subterrânea para abastecimento público e privado. No entanto, sua maior importância reside no fato de ser uma camada rochosa pouco permeável que por esse motivo protege a camada inferior de arenito conhecida como Aquífero Guarani, um dos maiores reservatórios de água potável subterrânea do mundo.

Quanto aos solos, em geral com média a alta fertilidade, se demonstram muito apropriados para agricultura, sendo historicamente utilizados para o plantio de café e cereais em menor escala. Atualmente predomina o plantio de cana-de-açúcar nos locais mais favoráveis quanto a topografia e profundidade do solo, nas demais áreas predominam as pastagens com pecuária bovina em especial nos locais de maior declividade ou possibilidade de encharcamento sazonal. Os solos presentes são conhecidos popularmente como “terras roxas”, em virtude de sua coloração vermelha.

Analisando o Inventário Florestal do Estado de São Paulo referente ao ano de 2020, a vegetação da região da Marambaia é a seguinte: a área da Marambaia está inserida no Bioma Mata Atlântica, ou seja, uma região onde ainda há influência do Oceano Atlântico sobre a formação da vegetação. No caso da Marambaia a vegetação local é classificada como Floresta Estacional Semidecidual o que significa que é uma floresta que sofre os efeitos da sazonalidade do clima, em especial as chuvas, perdendo parte das folhas da vegetação no período mais seco do ano que compreende os meses de junho a setembro.

Como os solos da região são de média a alta fertilidade, a floresta nativa que havia na Marambaia era bastante densa e com árvores de grande porte e valor comercial como peroba-rosa, jequitibá, jacaranda paulista, ipê, cabreúva, jatobá e assim por diante. No entanto, atualmente restam apenas fragmentos dessa vegetação original sendo a maioria em estágio inicial ou médio de desenvolvimento, ou seja, não temos mais nenhum fragmento em estágio avançado, vegetação chamada popularmente de “mata virgem”.

Os dois fragmentos mais significativos que restaram na Marambaia se localizam em áreas de maior declividade e solos mais rasos (pedregosos) sendo um deles com



*Um **hectare**, representado pelo símbolo **ha**, é uma unidade de medida de área equivalente a 100 ares ou a 10.000 metros quadrados. Ou seja, sendo 100x100 metros.*

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Hectare>

26 hectares aproximadamente e o outro com 15 hectares localizado no Km 08 da Estrada da Marambaia (parada da matinha), na margem direita do Rio Jaú.

Há também formações de vegetação pioneira com influência fluvial (dos rios), são vegetações formadas por gramíneas e plantas herbáceas em locais com umidade permanente ou temporária no solo. Três locais podem ser destacados:

- **Lagoa seca:** uma das mais conhecidas por localizar-se às margens da antiga estrada de terra que ligava Jaú a Bariri sendo mantido o traçado da via com o asfaltamento da rodovia vicinal que liga Itapuú a Bocaina. Possui uma área de vegetação natural de cerca de 18 hectares.
- **Lagoa Olhos D'água:** fica na Fazenda Olhos D'água em Itapuú e também é muito conhecida, pois a linha férrea da antiga Douradense passava por ela antes de chegar à Estação Marambaia. É uma lagoa perene formada pelo Córrego Olhos D'água que apresenta grande variação de volume de água. Possui uma área de vegetação natural de cerca de 11 hectares.
- **Lagoa Acre:** fica na antiga Fazenda Nossa Senhora dos Acre, é menos conhecida pois não há estradas municipais ou estaduais que passam por ela. É uma lagoa com grande variação sazonal de volume de água, mas diferentemente da Lagoa Sêca, ocorre extravasamento de suas águas até o Rio Jaú. Possui uma área de vegetação natural de cerca de 11 hectares. **Fonte (site datageo.ambiente.sp.gov.br)**

Podemos apontar que a região da Marambaia se constitui como um complexo formado pelos recursos naturais (rios, córregos, regatos, brejos, áreas de várzea, la

goas, vegetação) e também pela ocupação humana realizada na segunda metade do século XIX em diante, a qual será objeto de estudo do próximo capítulo. Podemos conceituar que essa região forma uma paisagem natural e cultural devido à presença humana. Sendo que:

*A paisagem é mais que natureza superposta pelas expressões materiais da vida humana. Ela significa mais para nós do que a soma de fatos materiais como montanhas e vales, campos, estradas, pontes, igrejas e casas; porque além da apreciação econômica e científica, nós imputamos à paisagem conteúdos que podem ser descritos apenas como “psicológico, religioso, estético e moral”. (Marandola, 2017, página 75)*



**Foto 1:** Marambaia: foz do rio Jaú. Autor: Rui Grombone Vasconcelos

Na foto podemos observar o rio Jaú que desemboca nas caudalosas águas do rio Tietê no remanso do Reservatório da Hidrelétrica de Bariri - Álvaro de Souza Lima.

## Partes constitutivas da Marambaia

A Marambaia, além do ambiente natural, é uma região que foi ocupada pelo ser humano e com isso apresenta uma série de intervenções:

- Estrada municipal rural da Marambaia - Sebastião Gomes Libano
- Rodovia vicinal Itapuá a Bocaina
- Capela da Marambaia
- Capela 1938
- Ponte sobre o Rio Jaú
- Ponte sobre o Ribeirão da Prata
- Fazendas
- Sítios
- Chácaras

Há controvérsia ou falta de exatidão no apontamento ou definição do nome das duas pequenas capelas presentes na estrada rural da Marambaia. A atual capela bem próxima à foz do Ribeirão da Prata, onde existia o bairro rural e no espaço da antiga Capela de Santa Cruz, está denominada no Google Mapas como Capela de Santa Luzia e a capelinha com a inscrição 1938 está denominada como Capela de Santa Cruz. E, também, consta em uma placa de homenagem a Sebastião Gomes Libano. O mesmo acontece quando perguntado aos moradores do local.

### Locais próximos

1. Usina Hidrelétrica de Bariri (Álvaro de Souza Lima)
2. Lagoa seca - Bariri
3. Bairro da Queixada - Bariri
4. Pouso Alegre de Baixo





Alma de gato (*Piaya cayana*)

Autor: Paulo Guerra

# CAPÍTULO 02

## BREVE HISTÓRICO DA MARAMBAIA

*Ainda tenho saudades  
E nunca vou me esquecer  
Do bairro aonde eu morava  
Onde me viram nascer*

*Todos conhecem bem  
Famoso por esse mundão  
Ali tinha linha de trem  
E tinha também a estação  
Gente do sítio e fazenda  
Juntavam-se ali na vendinha  
Pra se encontrar e conversar  
Tudo na boa amizade  
Sem nunca querer encrenca*

*Hoje vejo com tristeza  
A construção da represa  
E as águas veio a cobrir  
E o povo foi se mudando  
E o bairro foi se acabando  
Vou finalizar com tristeza  
Porque minha voz se atrapalha  
O bairro mais lindo por natureza  
Chama-se MARAMBAIA*

Linda por natureza - Geraldino e João Pátaro



Foto 1 - Ludwigia octovalvis – Camarambaia

Autor: Paulo Guerra

A palavra Marambaia tem sua origem certamente na língua Tupi-Guarani. Segundo o Dicionário de Palavras Brasileiras de Origem Indígena elaborado por Clóvis Chiaradia (Editora Limiar, 2009), dicionário com mais de 30.000 verbetes, haveria três hipóteses para a origem dessa palavra:

- a) mbará-mbai - o cerco do mar, a restinga, faixa arenosa cercado o mar
- b) marã-mbaia - a cerca ou paliçada de guerra
- c) mara-ambi-aia - árvore de sumo salubre

Outro significado encontrado foi referente à “formação de pequenas lagoas” ou talvez “rio que corre”. No mesmo dicionário citado, encontramos também o termo camarambaia, referente a denominação de uma planta herbácea, Ludwigia octovalvis, também conhecida como cruz-de-malta, planta da família das verbenáceas muito comum em áreas brejosas e alagadiças.

Acreditamos que faz sentido essa hipótese, pois a região da Marambaia próxima da foz do Rio Jaú com o Rio Tietê apresenta justamente como característica principal a formação de brejos e alagamentos sazonais ou periódicos. Poderíamos, também, atribuir que a Estação da Douradense batizada de Marambaia é que deu nome ao bairro, sendo que a referida estação ficava muito próxima das margens do rio Jaú e próxima de onde se localiza o Ribeirão da Prata, portanto local bastante úmido e alagadiço.

Desde os primeiros registros, evidências apontam que o local possuía, e ainda possui, forte ligação com o chamado Distrito de Pouso Alegre de Baixo, que na verdade não é um distrito e sim um bairro rural com núcleo urbanizado. Esse núcleo de ocupação é contemporâneo ao surgimento da cidade de Jaú, sendo iniciado através da formação e ocupação de uma das primeiras fazendas da região de Jaú, a Fazenda Pouso Alegre de Baixo. Segundo o mapa intitulado “O Sertão do Jahu na Freguesia de Nossa Senhora de Brotas em fins de 1.858” elaborado por Henrique Pacheco de Almeida Prado, jauense entusiasta e estudioso de genealogia e também da história de Jaú, a Fazenda Pouso Alegre de Baixo é citada com área total de 2.076 hectares e pertencente a Manoel Dias de Freitas. Suas terras iniciavam a partir da confluência do Córrego da Onça com o Ribeirão Pouso Alegre justamente onde está hoje o núcleo do Pouso Alegre de Baixo e terminavam na confluência do Ribeirão Pouso Alegre com o Rio Jaú, onde há hoje um porto de areia desativado.

A partir deste ponto iniciava-se pela margem esquerda do Rio Jaú a propriedade de Antônio Pinheiros de Oliveira e Outros com área de 486 hectares que ia até as proximidades do Ribeirão da Prata e pela margem direita uma propriedade sem denominação com área de 137 hectares, ou seja, uma área bastante diminuta para os padrões fundiários da época. Seguindo a jusante desse ponto até a foz do Rio Jaú com o Rio Tietê havia na margem esquerda, hoje Município de Itapuí, a Fazenda Paula Lima pertencente a Mariano Lopes Pinheiros, onde se encontra hoje a Fazenda Olhos D’água. Pela margem direita havia a Fazenda Barra do Ribeirão da Prata, hoje Município de Bariri, que se iniciava próxima a foz do Ribeirão da Prata com o Rio Jaú e estendia-se bem além da foz do Rio Jaú em direção a Bariri e pertencia a Francisco de Paula Lima da Fonseca.



Poderíamos, também, atribuir que a Estação da Douradense batizada de Marambaia é que deu nome ao bairro, sendo que a referida estação ficava próxima das margens do rio Jaú e muita próxima da margem do Ribeirão da Prata, portanto local bastante úmido e alagadiço.

Houve então a formação de um núcleo ou bairro rural importante, que contou com construção de capela, armazém, casas, sedes de fazendas e com a expansão da cafeicultura houve necessidade de melhor escoamento da produção e trânsito de pessoas, sendo então criada a linha férrea Jaú a Dourado. **Nota (1).**

### **Formação do Bairro Rural da Marambaia**

O bairro rural na definição de Antonio Candido pode apresentar uma série de características:

- 1) isolamento;
- 2) posse de terras;
- 3) trabalho doméstico;
- 4) auxílio vicinal\*;
- 5) disponibilidade de terras;
- 6) margem de lazer.

Ou mesmo, estão as seguintes:

- a base territorial;
- o sentimento de localidade;
- a convivência;
- as práticas de auxílio mútuo;
- as atividades lúdico-religiosas\*\*.

\* auxílio ou acesso por estrada

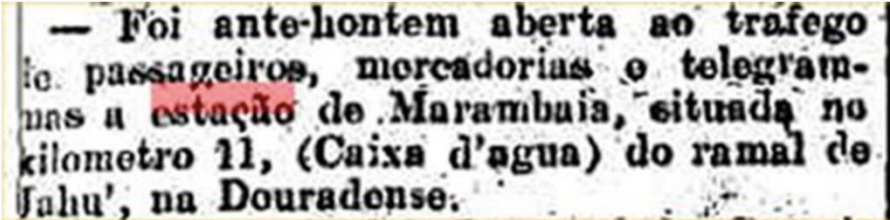
\*\* quermesses, festas religiosas ou até mesmo baile

### **Nota (2)**

*Uma característica dos bairros rurais é a existência de um núcleo, a sede da comunidade. Aí geralmente existe uma capela do santo padroeiro, construída pelos sítiantes e onde se realizam as festas religiosas anuais. Na sede pode aparecer uma escola, armazéns para abastecimento de artigos de consumo mais geral e máquinas de beneficiamento de cereais. Essas máquinas, porém, nem sempre aparecem na sede. Podem estar distribuídas nas propriedades, como é o caso geral das fábricas de farinha e raspa de mandioca. A sede do bairro pode se constituir em pequeno núcleo residencial para os comerciantes aí localizados, e mesmo para agricultores cujas propriedades estão localizadas nas proximidades. Nota (3)*

Ao ler alguns estudos de casos sobre os bairros rurais tem-se o apontamento que diversos núcleos iniciaram sua formação entre 1900 a 1930 com as dificuldades financeiras de fazendeiros que foram obrigados a fracionar e vender suas propriedades em algumas partes.

Em 1915 foi inaugurada a estação da Estrada de Ferro Douradense que ficava entre as estações Bica de Pedra (Itapuí) e Moraes Barros até a confluência com a estação de Posto Rangel onde havia uma derivação, podendo seguir para cidade de Bariri ou Bocaina. A estação foi denominada de “Estação de Marambaia” conforme notícia de jornal abaixo:



— Foi ante-hontem aberta ao trafego de passageiros, mercadorias e telegrammas a estação de Marambaia, situada no kilometro 11, (Caixa d'agua) do ramal de Jahu', na Douradense.

**Nota (4)**

A presença da estação modifica um pouco a fisionomia do bairro, que se torna mais importante pelo acúmulo de mais uma função, que é a de embarque e desembarque de carga e passageiros. Os empregados da estrada de ferro, por outro lado, tornam a organização social mais complexa, pela introdução de outras categorias profissionais. **Nota (5)**





Era comum também em algumas propriedades as máquinas de benefício de arroz e de café, moinhos de fubá e alambiques de cachaça.

As atividades econômicas eram desenvolvidas nas fazendas e sítios, muitos de famílias brasileiras de origem portuguesa e outras dos recém chegados imigrantes italianos e espanhóis, que viviam principalmente do cultivo do café e em menor escala, milho, feijão, arroz e cana-de-açúcar. No caso da Marambaia uma boa parte das famílias era de origem italiana no século XX. Dos mapas e registros ( Mapa de 1950) e da entrevista com Antonio Nascimbem nascido em 1946 na Marambaia e confirmadas por Dionísio Saccardo, temos a presença de diversos proprietários tais como: Alceu Martins Parreira – Fazenda Jamaica; J. Lobato – Fazenda São José; Afonso de Moraes Alves – Fazenda Palmeiras; Afonso Corrêa; Besédio Nassif - Fazenda Borborema; Eduardo Francês (Hilst) – Fazenda Olhos D’água; Ricardo Silveira – Fazenda Prata; Angelo Pataro; Angelin Zacaro (Angelo Saccardo); Antonio Zanchin; Angelo Nascimbem; Azeo Spuri; Terço Cherri. **Nota (8)**

Segundo os depoimentos do Sr. Antônio A. Nascimbem e Sr. Dionísio Saccardo aos autores desse livro, havia ainda as seguintes famílias:

“Vergilio Facioli, Ida Palamim e os filhos Abílio e Ciro Palamim, o Sr. Dr. Luis Hilst, todos do lado de Itapuú. No lado de Bariri havia a Fazenda Boa Vista, tinha também o Sr. Parreira que era proprietário de um sítio com moinho de milho na área central do Bairro e depois vendeu para o senhor Ernesto Piotto, também os Srs. Neni Zanquim, Angelim Zanquim e Sr. João Pataro e Antonio Pallaro. No lado de Jaú os nomes que lembro são a Família Basso e a Família Canela.”

No bairro da Marambaia ou nas proximidades, segundo Antonio Augusto Nascimbem, existiam diversos armazéns que eram chamados de vendas. São as seguintes vendas: do Sr. Augusto Facioli; Venda do Sr. Jordano Canela; Venda do Sr. Tonico Canela; Venda do Sr. Catarino Zanchim. Havia também o moinho de milho do Sr. Parreira.

As famosas vendas abasteciam a população local, pois as cidades de Jaú e Itapuú, embora próximas, não tinham um acesso fácil devido às estradas que ficavam



praticamente intransitáveis nas épocas chuvosas e também porque o meio de transporte mais comum eram as charretes e carroças. Os produtos mais vendidos eram aqueles que não eram produzidos na região como sal, bebidas, vinagre, fósforos, querosene, embutidos, óleos, dentre outros.

*“O núcleo dos bairros rurais pode apresentar diversas características. Em linhas gerais, ele oferece alguns serviços e é o local de socialização, onde os moradores estabelecem suas relações. O mais comum é o elemento centralizador do bairro rural ser representado pela capela. As celebrações e as missas semanais ou mensais congregam vários moradores, sendo um momento de coesão e fortalecimento dos laços de vizinhança. As festividades dos santos destas capelas também representam momentos de reunião e exprimem as relações existentes entre os moradores. Mas, além da capela, é comum existir outros elementos de coesão no núcleo. A venda é um ponto de encontro dos homens no fim de semana, onde se reúnem para conversar e beber.”* **Nota (9)**

Segundo depoimento de Valter Sacchardo (filho de Antenor Sacchardo) aos autores em 03/01/2021:

*Existiam ali 3 vendas (uma do Antônio Canela, Herminio Canela e um açougue e a venda do sr Claudio Basso) e a estação de trem. As vendas ficavam próximas à estação. O Antenor Sacchardo( seu pai, nota dos autores) cortava cabelo atrás da venda do Herminio Canela num pequeno salãozinho de barbeiro.*

*Faziam bailes ao lado da igreja. Festa grandes que reuniam todos dali. Baile e quermesse, muitos sanfoneiros tocaram ali. A festa de Santa Cruz começa a procissão nas vendas e ia até a igreja. Procissão iluminada. Todos iam com lampião nas mãos com velas dentro.* **Nota (10)**



**Foto 2** - Bairro da Marambaia - Armazém - cedida pela família Pataro



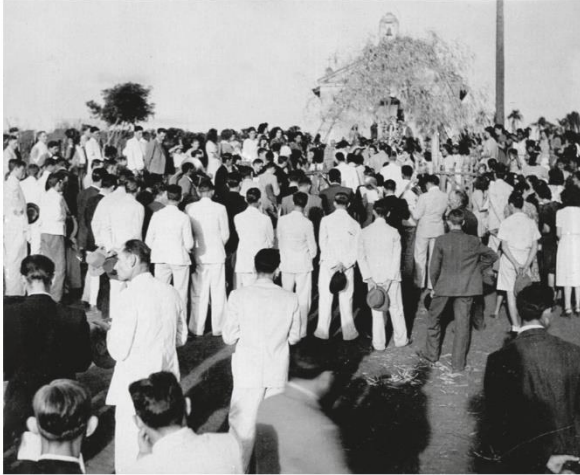
**Foto 3** - Secagem de café - terreiro - cedida pela família Pataro



**Foto 4** - Reunião no bairro da Marambaia - cedida pela família Pataro



**Foto 5** - Festa de Santa Cruz - Capela da Marambaia - 07/05/1944-  
cedida pela família Pataro



**Foto 6** - Festa de Santa Cruz - Capela da Marambaia - 07/05/1944-  
cedida pela família Pataro

A festa principal era dedicada a Santa Cruz, nas imagens e na lembrança percebemos justamente toda a força das festas religiosas, da união dos moradores, o espaço de manifestação e à culminância do conagraçamento. Havia procissão, leilão, quermesse no mês de maio, segundo depoimento de Dionísio Saccardo que viveu nas imediações por cinquenta anos.

\*

A prática do futebol era habitual dentre os moradores do meio rural e nesse registro atesta as partidas entre as diversas localidades, conforme a foto número 8. Sendo a Queixadinha bem próxima à Marambaia. Equipes estas de fazendas com seus colonos e também dos bairros rurais. As partidas de futebol entre localidades rurais avançaram até o final do século XX, declinando devido a diminuição drástica da população rural.



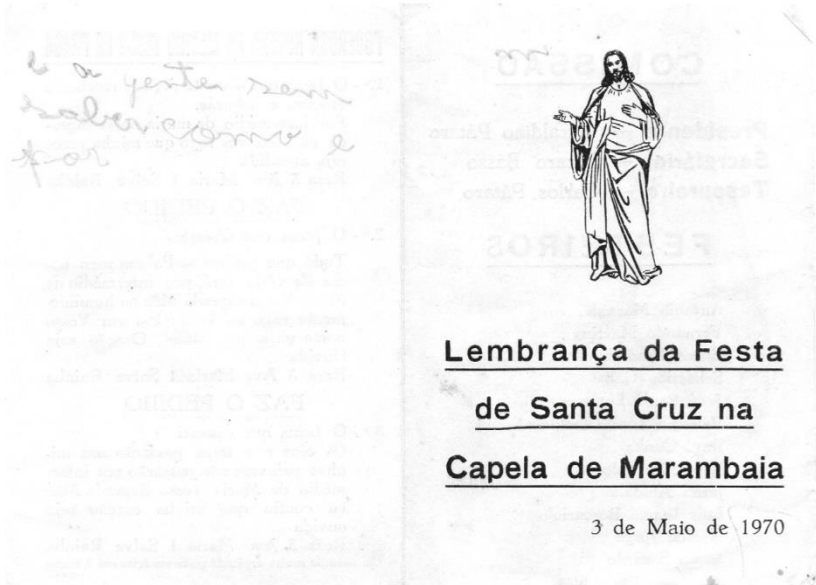


Foto 7 - Lembrança da Festa de Santa Cruz - cedida pela família Pataro



Fotos 8 - Marambaia Futebol Clube - cedida pela família Pataro



**Foto 9** - Chegada de Frei Ivo com Arthur Fantin - cedida pela família Pataro



**Foto 10** - Frei Ivo com as Filhas de Maria - cedida pela família Pataro



**Foto 11** - Escola rural da Fazenda de Eduardo Hilst - 1933




**Foto 12** - caçada a capivara no Rio Jaú - cedida pela família Pataro

Na foto 11, percebemos a composição da escola rural sendo mista (turma com alunos e alunas). Na Marambaia havia pelo menos duas escolas rurais isoladas.

Uma cena muito comum, homens com armas na mão em suas caças habituais. Neste caso conforme legenda no verso da foto: caçada a capivara. As caçadas eram frequentemente desenvolvidas como forma de lazer e esporadicamente como forma de alimentação: aves como inhambus e mamíferos como a capivara, dentre outros, eram as preferidas. Diversas fotos atestam esse hábito, pois havia abundância de presas e era culturalmente incentivada tal prática.

Nas foto a seguir, temos o Salvo Conduto de João Pataro que teve que assim portar esse documento após a declaração de guerra do Brasil contra a Itália em 1942. Portanto, italianos como João tiveram que providenciar Certidão de Registro de Estrangeiro e só podiam se deslocar ou viajar com a permissão através do salvo conduto expedida por um delegado de polícia.

DOCUMENTO EXIBIDO		<b>SALVO-CONDUTO</b> Nº 036225	DOCUMENTO EXIBIDO											
Cart. Mod. 19	R. G.		Cert. reg. nº 503	De Slopui										
NOME DO PORTADOR POR EXTENSO <i>João Pataro</i>														
ASSINATURA DO PORTADOR <i>João Pataro</i>														
FILIAÇÃO PAI: <i>Stáquio Coronel</i> MÃE: <i>Antônia</i>														
NACIONALIDADE <i>Italiano</i>			NATURAL DE <i>Itabora</i>											
DATA DO NASCIMENTO <i>27 / 11 / 1878</i>			PROFISSÃO <i>Cap. M.</i>											
<table border="1"> <tr> <td>DIÁ</td> <td>MES</td> <td>ANO</td> </tr> <tr> <td>27</td> <td>11</td> <td>1878</td> </tr> </table>			DIÁ	MES	ANO	27	11	1878	<table border="1"> <tr> <td>Est. Civil</td> <td>Sexo</td> </tr> <tr> <td>Cap. M.</td> <td></td> </tr> </table>		Est. Civil	Sexo	Cap. M.	
DIÁ	MES	ANO												
27	11	1878												
Est. Civil	Sexo													
Cap. M.														
(PAPEL TUDO PULCRO) Nº DA CADERNETA ANTERIOR														
														

Fotos 13 - Salvo Conduto de João Pataro





**Foto 14** - Ponte metálica na F. Olhos D'água de Eduardo Hilst cedida pela família Pataro



**Foto 15** - Pinguela sobre o rio Jaú - cedida pela família Pataro

A Marambaia por ser um área servida por diversos rios, córregos e ribeirões teve diversas pinguelas e pontes, como bem demonstrado nas fotos 14 e 15. Chama a atenção que a ponte de ferro no rio Jaú que provavelmente unia as fazendas ou as propriedades de Eduardo Hilst, chamado de Eduardo Francês. Sem mencionar as pontes da estrada de ferro no rio Jaú e no Ribeirão da Prata ( ver Mapa 1) e as pontes menores nos diversos córregos. Ainda hoje, observa-se os acessos e túneis para passagem sob a estrada rural da Marambaia.

## O Represamento

### A Barragem de Bariri

*“É uma das seis hidrelétricas construídas pelo governo do estado de São Paulo no rio Tietê. Possui uma barragem mista de terra e concreto, com 856 metros de comprimento e altura máxima de 32,5 metros. Sua construção teve início em 1958 e se estendeu até 1965, quando foi entregue em pleno funcionamento, inclusive com uma ponte automotiva sobre ela.” Nota (11)*

*“A baliza temporal deste trabalho é marcada inicialmente pela elaboração do Projeto da usina – começo da década de 1940 – e a conclusão da UHE Bariri (Álvaro de Souza Lima), em meados da década de 1960. As medições topográficas da UHE Barra Bonita iniciaram-se em 1953 e as obras em 1957; elas foram concluídas em 1963. A de Bariri foi finalizada em 1965. Ambas alteraram o regime de águas do trecho Médio-Superior do rio Tietê, inundaram uma grande área de terras cultiváveis nas proximidades do rio, as suas bordas, de onde se tirava argila, e promoveram a constituição de um novo ecossistema.” Nota (12)*

Nas duas notas anteriores percebemos que o represamento do Rio Tietê para a formação do reservatório da Hidrelétrica de Bariri afetou significativamente a vida de milhares de trabalhadores das cerâmicas e de proprietários de Bariri até a Barra Bonita, como bem apontou Roberto Massei. No caso específico dos moradores e proprietários da região da Marambaia afetou diretamente pela proximidade inundando diversas porções de terra e até mesmo o núcleo do bairro rural da

Marambaia: casas, vendas, estação de trem e a linha férrea. Mesmo que esta tenha sido desativada em 1964.

Segundo o Decreto nº 51.789, de 4 de Março de 1963 que declara de utilidade pública, para fins de desapropriação, as glebas e benfeitorias situadas na área de terra destinada à bacia de acumulação do aproveitamento de energia hidráulica de um desnível localizado cerca de 300 metros da extremidade da jusante da ilha de Bariri Grande, existente no rio Tietê, no Município de Bariri, no Estado de São Paulo, foram afetados no:

### **Município de Bariri**

1 - Patrocínio de Oliveira Bueno; 2 - Guido Gargiolo e outros; 3 - Primílio Antoniassi; 4 - Antonio Canela; 5 - Mavina Pataro e outros; 6 - Miguel Chamma; 7 - Ernesto Piotto.

### **Município de Itapuí**

1 - Hugo Falcioni; 2 - Hugo Falcioni; 3 - Companhia Agrícola Industrial São Jorge; 4 - José Maria de Almeida Prado; 5 - João Galvão do Prado Barros e outros; 6 - Gilberto Leite de Oliveira Barros; 7 - Gilberto Leite de Oliveira Barros; 8 - Cácio Montenegro (também no item 6); 9 - Luís Ricardo Cibir; 10 - Antônio Montesino Filho; 11 - Eliseu Spuri; 12 - Elizeu Spuri, 13 - Luís Hilst; 14 - Tufik Simão e Féres Simão; 15 - Tufik Simão e Féres Simão; 16 - Tufik Simão e Féres Simão; 17 - Tufik Simão e Féres Simão; 18 - José Ribeiro Júnior, Francisco Motta, José Saquedo, Paschoal Rossi, Clemente ou Carlos Semadocio, Júlio e Antônio ou Carlos de Freitas Nascimento.

### **Município de Jaú**

1 - Condomínio João Ribeiro; 2 - Nassif Letaife; 3 - Irmãos Letaife; 4 - Irmãos Letaife; 5 - Irmãos Letaife; 6 - Pedro Munerato e Stélio Zen; 7 - Sebastião Galvão de Barros Leite; 8 - Sílvio de Almeida Prado; 9 - Edward e Dilhermando Romão; 10 - Joaquim, Manoel e Teresa Damin; 11 - Irmãos Franceschi S.A.; 12 - Irmãos Franceschi S.A.; 13 - Irmãos Franceschi S.A.; 14 - Irmãos Franceschi S.A.; 15 - Francisco Liberato; 16 - Irmãos Franceschi S.A.; 17 - Vicente Marafioti e outros; 18 - Egidio Marafioti e Rafael Hilário; 19 - Sebastião F. Camargo Penteado; 20 - Catarina Schiavo Fúria; 21 - Florindo Turini e outros; 22 - Orlando Franceschini, João Montebelo ou Joaquim

Montebelo, Sebastião de Souza e Hugo Falcioni. **Nota (13)**

Nem todos os nomes dos proprietários elencados no três municípios pertenciam a Marambaia. Mas, nomes familiares como Canela, Pataro e Piotto( Bariri); Falcioni, Almeida Prado, Spuri, Hilst ( Itapuí); Falcioni(Jaú) estão presentes no Mapa de 1950 ou mesmo em algum depoimento.

Desta feita, alterou não somente o modo de vida dos moradores da Marambaia nos três municípios como levou à modificação do ambiente, sendo que na Marambaia, temos diversos córregos, ribeirões e passou a compor com as áreas inundadas e alagadiças esse complexo de águas fluviais.

Os desdobramentos do represamento levou e acentuou mais ainda o movimento do êxodo rural que se iniciava nos anos 60 do século XX.

*Êxodo rural é o deslocamento ou migração de trabalhadores rurais que vão em direção aos centros urbanos. No Brasil, esse fenômeno populacional foi causado pelo crescimento da indústria e vida urbana, pois o processo de mecanização do campo tirou vários postos de trabalho.* **Nota (14)**

A foto de número 16 (autor desconhecido) a seguir é significativa, pois revela que em 1963 ou 1964 estava sendo construída a ponte no rio Jaú e pelo vão o quanto seria a área alagada. Nas proximidades desse local encontrava-se o núcleo das casas, as vendas e a estação da Douradense. **Nota (15)**

\*

Foto 17 obtida em 1981 pela família Pataro mostrando a ponte do rio Jaú, a quantidade de água e a largura que ficou o rio Jaú sob influência do represamento e do regime das águas das comportas da Hidrelétrica Alvaro de Souza Lima em Bariri.





**Foto 16** - Construção da ponte sobre o rio Jaú devido ao fechamento da barragem de Bariri em 1965.



**Foto 17** - Marambaia 1981— cedida pela família Pataro



**Mapa 2 - Carta IBGE - 1972**

Esta Carta do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em primeira edição de 1972 revela uma série de situações após o repesamento em 1965:

- A permanência e o abandono da Estrada de Ferro Douradense anteriormente encampada pela Companhia de Estrada de Ferro Paulista: a linha férrea e suas estações;
- As propriedades da Fazenda Olhos D'água e da Dona Lourdes no município de Itapuí;
- Na região da Marambaia, a predominância da cultura do café. E pequenas porções de cana-de-açúcar e pastagens;
- Na Carta do IBGE, a Marambaia está alocada ou somente inscrita em território de Bariri;
- A Capela de Santa Cruz no mesmo local da capela atual;
- A permanência da Fazenda Palmeiras com suas colônias;
- O córrego da Fazenda São José desembocando no Ribeirão da Prata;
- A estrada vicinal que une Itapuí e Bocaina com traçado diferente do atual nas imediações da Lagoa Seca;

- Presença da Fazenda Lajeado, Coqueirinho, Bela Vista no traçado da estrada rural da Marambaia;
- A largura ampliada do Rio Jaú, da foz do Ribeirão da Prata e da foz do Ribeirão Pouso Alegre;

Para finalizar o capítulo, notícia de 2018 sobre a denominação da Estrada rural da Marambaia. Segundo site da Câmara Municipal de Jaú: Estrada Municipal “Sebastião Gomes Libano”. Aprovado em segunda votação o Projeto de Lei do Legislativo nº 22/2018. **Nota (16)**

#### Notas:

1. O Jahú em 1900: Repositório de Dados, Informações e Documentos para A História do Jahú e “O Sertão do Jahu na Freguesia de Nossa Senhora de Brotas em fins de 1.858” elaborado por Henrique Pacheco de Almeida Prado
2. Antonio Candido citado por QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Bairros Rurais Paulistas. Livraria Duas Cidades, 1973, p. 8.
3. DINIZ, José Alexandre Felizola. Organização agrária do município de Araras. Tese (doutorado). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro. Universidade de Campinas, 1968.
4. Notícia de jornal Estado de São Paulo de 23/08/1915 sobre a fundação da estação da Marambaia extraída de <http://www.estacoesferroviarias.com.br/m/marambaia.htm> em 05/01/2021.
5. DINIZ, José Alexandre Felizola. Organização agrária do município de Araras Tese(doutorado). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro. Universidade de Campinas, 1968.
6. Entrevista do Sr. Dionisio Sacchardo aos autores em 16/01/2021 através de sua sobrinha Valeria Pataro devido a situação atual de pandemia da COVID-19 e a necessidade de distância social.
7. MARANDOLA, Hugo Leonardo. Marcas-Matrizes na paisagem do bairro rural Elihu Root: um trilhar humanista. Tese (doutorado). Rio Claro. Universidade Estadual Paulista, 2017.
8. Mapa de 1950 - Arquivo do Estado e entrevista de Antônio Nascimbem e entrevista de Dionísio Saccardo dada aos autores em 2021.

9. MARANDOLA, Hugo Leonardo. Marcas-Matrizes na paisagem do bairro rural Elihu Root: um trilhar humanista. Tese (doutorado). Rio Claro. Universidade Estadual Paulista, 2017.
10. Entrevista de Valter Saccardo dada aos autores em 03/01/2021 através de sua filha Dianara Saccardo devido a situação atual de pandemia da COVID-19 e a necessidade de distância social.
11. Barragem de Bariri in [https://pt.wikipedia.org/wiki/Barragem\\_de\\_Bariri](https://pt.wikipedia.org/wiki/Barragem_de_Bariri) Acesso em 04/01/2021
12. MASSEI, Roberto. Construção da Usina Hidrelétrica Barra Bonita e Relação Homem-Natureza: Vozes Dissonantes, Interesses Contraditórios (1940-1970). Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2007
13. . Decreto nº 51.789, de 4 de Março de 1963 in <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-51789-4-marco-1963-391600-publicacaooriginal-1-pe.html> Acesso em 06/01/2021
14. Êxodo rural in <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/efeitos-exodo-rural.htm> Acesso em 06/01/2021.
15. Foto da construção da ponte do rio Jaú na Marambaia extraída de <http://www.memorialdosmunicipios.com.br/listaprod/memorial/historico-categoria,97,H.html> Acesso em 06/01/2021
16. Estrada da Marambaia - [http://www.camarajau.sp.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=1143:resumo-27o-sessao-ordinar-ia-2018&catid=112:sessoes-2018](http://www.camarajau.sp.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1143:resumo-27o-sessao-ordinar-ia-2018&catid=112:sessoes-2018) acesso em 06/01/2021



# CAPÍTULO 03

## ROTEIROS PARA A MARAMBAIA

Na localidade conhecida como Marambaia em um dos pontos da região central do estado de São Paulo temos a possibilidade de visitação por pessoas ou grupos de pessoas das mais variadas origens, sejam visitantes únicos, famílias, grupos de amigos, observadores de aves e de natureza, ciclistas, estudantes da educa o básica, universitários, pesquisadores, membros de entidades e assim por diante. Seja com o propósito do lazer, do turismo de um período ou de vários, de estudo do meio, da pesquisa ou do contato com local rural e com valor ambiental por suas características inerentes.

Para que haja facilidade de visita o, sendo qual for o motivo de os municípios de Jaú, Itapu  e Bariri ou mesmo de qualquer localidade do país acessarem o local, houve a necessidade de apontar, construir e montar diversos roteiros. Procuramos apontar alguns roteiros saindo dos municípios e localidades que compõem o território para a Marambaia. São as localidades: Itapu ; Bariri; Pouso Alegre de Baixo e Jaú.



**Foto 1** - Marambaia      Autor: Rhuan Conte



**Foto 2** - Marambaia: foz do rio Jaú      Autor: Paulo Guerra

### Roteiro com saída em Itapuú

O roteiro com saída ou passando pela cidade de Itapuú para visitantes provenientes da própria cidade de Itapuú, de Boracéia, Pederneiras ou mesmo provindos de Bauru ou de localidades que possam acessar a região da Marambaia por esta cidade. Haja vista que Bauru é servida por diversas rodovias importantes como Marechal Rondon e Comandante João Ribeiro de Barros.

O roteiro a partir de Itapuú - Praça da Matriz Santo Antônio de Pádua - percorre por volta de 8 km em rodovia vicinal asfaltada para chegar a Marambaia:

- Um pouco antes de chegar à ponte sobre o rio Jaú, que marca a divisão dos territórios de Itapuú e Bariri, temos uma vista panorâmica da foz do rio Jaú no Rio Tietê, ficando à esquerda no sentido Itapuú- Bariri. O visitante terá que sair ao lado da estrada, antes que inicie a descida rumo a ponte sobre o rio Jaú. Essa parada não é recomendada para alunos das escolas ou veículos com a presença de menores de idade.
- **Na ponte sobre o rio Jaú**, que alguns chamam de “Ponte Nova”, o veículo pode ser estacionado antes ou depois da ponte. A paisagem é muito bonita e apreciada. Neste local, é possível além da paisagem serem vistas inúmeras

espécies de aves tipicamente aquáticas e mamíferos desse ambiente, especialmente as capivaras. Embora, as plantas aquáticas como aguapé, taboas, alface d'água e outras espécies tomaram conta do espelho d'água existente. Essa parada, também, não é recomendada para alunos das escolas ou veículos com a presença de menores de idade.

Observação: há a necessidade de contatar as autoridades responsáveis pela rodovia que liga Itapuí e Bocaina para que seja implementado nesta estrada um redutor de velocidade nos dois sentidos perto da ponte sobre o Rio Jaú. Pois, os caminhões, principalmente, desenvolvem altas velocidades devido ao declive do terreno.

- Seguindo o roteiro, teremos na estrada rural da Marambaia, uma parada na ponte sobre o Ribeirão da Prata, onde este desemboca no Rio Jaú, local onde muitos atribuem o nome de “Ponte Velha”, devido a presença de pontes históricas na época anterior ao represamento em 1965. Neste local, temos a divisa dos municípios de Bariri e Jaú. Local com um grande alagado com a presença de plantas aquáticas como aguapé, taboas e outras espécies também cobrindo todo o espelho d'água existente. Neste local, pode-se avistar a ponte sobre o Rio Jaú assim como avistar diversas aves e contemplar a paisagem. Abaixo deste local, havia a presença de construções do bairro rural da Marambaia que foram alagadas pela represa de Bariri, incluindo a antiga Estação Marambaia da Douradense. Ainda hoje, temos uma pequena capelinha ou santa cruz e a presença de suportes para caixas d'água.
- Ao adentrarmos em território jauense, teremos a Capela da Marambaia, que fica em frente de alguns sítios e regularmente são realizadas festas e quermesses pelos moradores e proprietários dos imóveis rurais dessa localidade. Neste local, abriga além da capela, um terreno com bancos com inscrições de seus doadores. Uma parada propícia para um lanche e fotos.
- Seguindo a estrada, teremos a Parada da Matinha, onde o rio Jaú se encontra muito próximo a estrada rural. Neste local, é possível além da paisagem muito rica, a presença de aves e plantas como flores, arbustos, árvores. Local que pode ser observado uma das áreas de reenclausuras e várzeas. A mata que fica ao lado esquerdo no sentido Pouso Alegre é um dos maiores fragmentos de mata atlântica remanescentes na Marambaia com área aproximada de 15 hectares.



- Logo mais, seguindo no sentido do Pouso Alegre de Baixo, teremos a Parada da Várzea, local de alagamentos constantes com forte presença de aves aquáticas como marrecos, patos e outras aves típicas de alagados como biguás, tapicurus, pernilongos, maçaricos, jaçanãs, frangos d'água, garças e dependendo da época do ano: tuiuiús, cabeça secas, colhereiros, trinta réis, talha mar, dentre outros. Do outro lado do rio Jaú teremos uma matinha que vem se regenerando. Logo acima teremos a foz do Ribeirão Pouso Alegre que desemboca no Rio Jaú, que por sua vez, estará distante dessa estrada logo acima. Desse ponto pode-se observar na margem oposta do rio Jaú, vários fragmentos de vegetação nativa em áreas de encostas de morros paisagem típica da Marambaia.
- Em um ponto bem próximo ao Distrito de Pouso Alegre de Baixo, podemos parar e contemplar a Capela (1938), local em que se pode observar junto a essa capelinha um pequeno coreto.
- Seguindo a estrada podemos ver a Fazenda Salto de São Pedro, local que abriga uma cachoeira e a sede dessa fazenda. Neste trecho é possível observar diversas propriedades rurais até chegarmos próximo ao trevo de acesso ao Pouso Alegre de Baixo, já na Rodovia Jaú-Bariri (Rodovia Dep. Leônidas Pacheco Ferreira).

### **Roteiro com saída em Bariri**

Para uma saída a partir da cidade de Bariri, para visitantes provenientes da própria cidade ou de cidades como Boraceia, Itaju, Ibitinga, Itápolis estabelecemos como o ponto médio a Praça da Matriz de Nossa Senhora das Dores em direção à Rodovia Deputado Leônidas Pacheco Ferreira com destino à Marambaia no sentido Jaú. Ao chegar ao trevo de acesso a Rodovia Prefeito Alfredo Sormani Junior que leva à Bocaina, os visitantes devem seguir no sentido oposto em direção a Itapuí, entrando à direita. Esse roteiro por sua vez, também contempla visitantes de Bocaina, Dourado, Ribeirão Bonito, Boa Esperança do Sul ou até mesmo de Araraquara e São Carlos e das rodovias que servem essas duas importantes cidades do interior do estado de São Paulo.

- A primeira parada é no Bairro da Queixada, local onde existe a capela de São José, a já tradicional Venda do Paulo e a antiga escola rural do Bairro da Queixada.





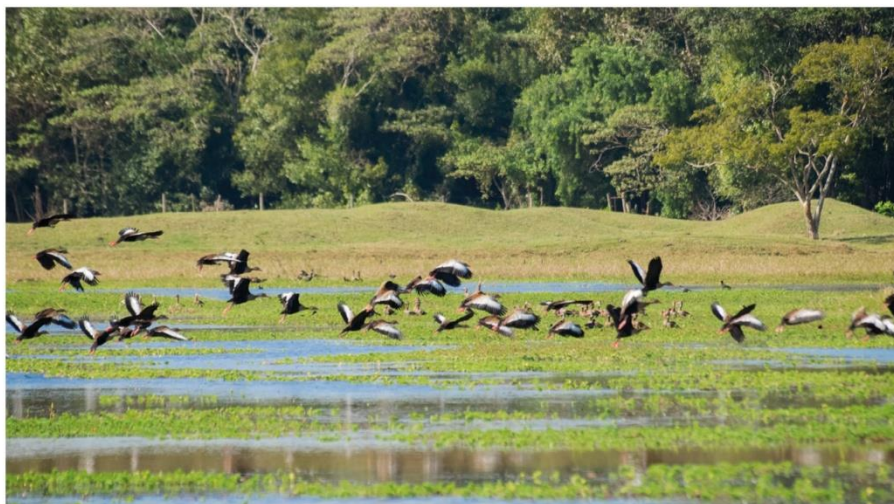
Mapa 1 – Região da Marambaia – Autor: Jorge Zugliani



Foto 3 - Ponte sobre o Rio Jaú

Autora: Carol Bressan

- Seguindo em frente, passamos pela Lagoa Seca do lado direito da rodovia em direção à Marambaia. Após a curva da estrada avistamos ao fundo a área de confluência do Rio Jaú com o Rio Tietê, uma linda vista em especial no início da manhã ou final da tarde devido à posição do sol sobre o espelho d'água.



**Foto 4** – Marambaia: Parada da Várzea      Autor: Carol Bressan



**Foto 5** – Marambaia: Parada da Matinha      Autor: João André de M. A. Prado

- Na ponte sobre o rio Jaú, que alguns chamam de “Ponte Nova” onde pescadores atribuem como sendo o único ponto da Marambaia, o veículo pode ser estacionado antes ou depois da ponte. A paisagem é muito bonita e apreciada. Neste local, é possível além da paisagem serem vistas inúmeras espécies de aves tipicamente aquáticas e mamíferos desse ambiente, especialmente as capivaras. Embora, as plantas aquáticas como aguapé, taboas, alface d’água e outras espécies tomaram conta do espelho d’água existente. Essa parada, também, não é recomendada para alunos das escolas ou veículos com a presença de menores de idade.

**Observação:** caso haja o desejo ou necessidade, pode-se optar em entrar na estrada rural da Marambaia e seguir o mesmo roteiro estabelecido a partir de Itapuí. A culminância desse roteiro pode ser o Bairro do Pouso Alegre de Baixo com sua Capela de Santa Luzia, assim como seus serviços de alimentação.

### **Roteiro com saída no Distrito de Pouso Alegre de Baixo ou de Jaú**

No movimento contrário de Itapuí e Bariri, pode-se estabelecer um outro roteiro, normalmente o visitante deve vir de Jaú ou partir do Pouso Alegre de Baixo.

- Saindo da Praça da Capela de Santa Luzia - Pouso Alegre de Baixo - Jaú
- Saindo da Praça da Matriz Nossa Senhora do Patrocínio - Jaú

Jaú é servida por diversas rodovias, tais como Comandante João Ribeiro de Barros, Paulo Nilo Romano, Otávio Pacheco de Almeida Prado e Deputado Amauri Barroso do Amaral. Seja qual for a origem do visitante, entrando ou não pela cidade de Jaú ou passando pelo Pouso Alegre de Baixo. Teremos duas possibilidades:

Pela estrada rural da Marambaia ou na continuação fazer o roteiro sugerido para a cidade de Bariri, adentrando à esquerda na confluência da Rodovia Deputado Leônidas Pacheco Ferreira (sentido Jaú-Bariri) com a Rodovia Prefeito Alfredo Sormani Junior ( Bocaina- Itapuí).

Ambos os roteiros servem tanto para visitantes ocasionais como para estudantes acompanhados por professores e para observadores de aves ou de natureza.



# CAPÍTULO 04

## *POR QUE PRESERVAR A MARAMBAIA?*

O último capítulo deste livro, mas não deve estar baseado como sendo a produção de perguntas que merecem um esclarecimento ou a busca incessante de respostas definitivas. A pergunta que dá título a este capítulo remete ao sentido próprio daquilo que sempre nos deparamos ao visitar a Marambaia: por que esta região, esta porção de terra com um emaranhado de águas merece ou tem que ser preservado.

Primeiro, surge um questionamento anterior:

### **- O QUE É PRESERVAÇÃO?**

Vamos as definições para começar esclarecer:

**Conservação**, nas leis brasileiras, significa proteção dos recursos naturais, com a utilização racional, garantindo sua sustentabilidade e existência para as futuras gerações.

Já a **preservação** visa à integridade e à perenidade de algo. O termo se refere à proteção integral, a “intocabilidade”.

Para saber mais:

<https://www.oeco.org.br/colunas/suzana-padua/18246-oeco-15564/>

Diante das duas definições, a Marambaia, portanto, deveria ser preservada ou conservada?

Uma pergunta que alguns fizeram e outros tantos não pensaram a respeito, mesmo sabendo de antemão que seria interessante conservar aquilo que já foi alterado desde sua ocupação no século XIX em diante e mesmo ao longo do século XX e mais



ainda, depois do represamento e da alteração de suas bordas, do alagamento, do incremento no volume de água em 1965.

A conservação da Marambaia e de seus diversos mananciais de água devem nortear o primeiro sentido ou estabelecer a prioridade. Mesmo tendo em vista que normalmente órgãos e conselhos ambientais não definem a foz de um rio como sendo de interesse imediato de conservação ou recuperação.

Dessa forma surge mais uma definição, devemos recuperar ou então, restaurar?

*Na **RECUPERAÇÃO** busca-se recuperar a função da vegetação naquele ambiente, como por exemplo, evitar a erosão do solo, regular processos biogeoquímicos (ciclo da água, carbono, nitrogênio), sem necessariamente levar em consideração a composição florística, ou seja, as espécies que irão compor o ambiente.*

*Já quando o interesse é a **RESTAURAÇÃO**, então o trabalho é voltado ao restabelecimento dos processos naturais que possibilitarão que a vegetação retorne ao mais próximo possível da sua condição original (antes de ter sofrido qualquer interferência humana).*

Para saber mais:

<https://siteantigo.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/biologia/recuperacao-ou-restauracao-de-areas-degradadas/67169>

Para a região da Marambaia, seria necessário conservar e restaurar. Antes de ser uma sentença assim direta, surge uma outra discussão:

- A que interessa conservar e restaurar a Marambaia?

Uma pergunta que deveria ser feita aos cidadãos de Jaú, Bariri e Itapuí que compõem historicamente essa região. Podemos começar a responder, embora essa pergunta deveria ser feita e articulada a população em geral por:

- Autoridades e lideranças municipais ou regionais;
- Cidadãos socioambientalmente responsáveis;

- Educadores;
- Entidades da sociedade civil;
- Concessionária da Hidrelétrica Álvaro de Souza Lima.

***Responsabilidade socioambiental é a responsabilidade que uma empresa, ou organização tem com a sociedade e com o meio ambiente além das obrigações legais e econômicas. Refere-se aos problemas e processos sociais, tendo em conta sua relação com o meio ambiente: desenvolvimento socioambiental.***

Para saber mais: <https://bityli.com/5pc2O> Acesso em 07/01/2021

Por que seria de interesse coletivo ou público a conservação e restauração da Marambaia?

Primeiro, sabendo que os bens naturais, mesmo que sofreram alteração ao longo da história, devem ser encarados como bens de natureza pública e portanto, passíveis de conservação. As leis e as normativas sobre o assunto evidenciam essa necessidade. Sendo que, esta obrigação é algo impessoal e de caráter geral. Ou seja, a lei tem que ser cumprida e respeitada por todos. Existem neste caso específico da conservação e restauração da Marambaia dois agentes ou conjuntos de agentes que deveriam primar pelo cumprimento da obrigação. A partir do momento que em 1965 alterou-se o curso natural do rio Tietê, suas autoridades estaduais ou municipais e mesmo o poder judiciário deveriam cuidar para manejar os bens naturais do local, mesmo havendo essa alteração produzida pelo represamento. Essa obrigação não seria somente dos órgãos públicos e sim da companhia estatal que fez a gerência da Hidrelétrica até o convênio pela concessionária atual. Existem as obrigações inerentes ao contrato de concessão. Seria, justamente, realizando constantes estudos do meio, fazer o manejo do local e de suas partes constituintes e conservar e restaurar a área, dentre outras medidas. Principalmente do entorno do reservatório e da chamada cota Maximorum.

*A cota Maximorum é a representação no terreno até onde poderia ir se o reser-*

*vatório estivesse na cota máxima e houvesse uma cheia que acontece de mil em mil anos, a água chegaria até este lugar no terreno, ou seja, por isso a margem de segurança nos reservatórios é muito grande, a possibilidade de inundações próximas a reservatórios é muito pequena.*

Para saber mais: <https://mundogeo.com/2009/10/13/cotas-maxima-desapropriacao-maximorum-e-app/>

Além do valor ambiental, os diversos municípios envolvidos poderiam formar uma frente pelo esforço de conservação permanente compondendo com órgãos públicos e sociedade civil.

Tendo em vista que após alteração do local com a perda de inúmeras propriedades das cidades elencadas no capítulo dois, sendo acompanhada de desapropriação como aponta o Decreto nº 51.789, de 4 de março de 1963. Tivemos a perda de ocupação econômica com o setor de cerâmica de cerca de 2.000 famílias da cidade de Bariri até a Barra Bonita.

Se causou impacto desta monta na época diretamente às pessoas, famílias e empresas, qual a outra pergunta que surge, como foi realizada. E se foi realizada com o represamento do trecho do rio Tietê na Barra Bonita e de Bariri formando as duas Hidrelétricas, houve a mitigação ou mesmo a busca de alternativa econômica para as pessoas, as famílias, as empresas afetadas?

Se não houve a época, porque não se estabelece a restauração da área da Marambaia visando o aproveitamento e utilização econômica com a promoção de diversas possibilidades para a região e seus respectivos municípios?

*Como realizar as diversas tarefas para o uso sustentável do local? Primeiro, temos que definir o que é uso sustentável - "entende-se por uso sustentável a exploração do ambiente de maneira a garantir a perenidade dos recursos ambientais renováveis e dos processos ecológicos, mantendo a biodiversidade e os demais atributos ecológicos, de forma socialmente justa e economicamente viável."*

Para saber mais: <https://bityli.com/E9y5Y>  
Acesso em 07/01/2021

Para realizar as tarefas, temos obrigatoriamente que pessoas investidas de cargos públicos ou cidadãos pensem estrategicamente, planejem e que haja a articulação e liderança nos propósitos.

*O planejamento estratégico consiste em estabelecer acordo em relação a resultados pretendidos e avaliar e ajustar a direção da organização. É um esforço disciplinado que produz decisões e ações fundamentais que moldam e orientam o que é uma organização, a quem ela serve, o que faz e por que faz, com foco no futuro.* (extraído do Blog FM2S: <https://www.fm2s.com.br/> Acesso em 13/02/2021)

O planejamento estratégico efetivo articula não apenas onde uma organização está indo e as ações necessárias para progredir, mas também como ela saberá se é bem-sucedida.

## **Esforço de conservação**

Principais etapas e produção de documentos foram realizados para compor o esforço de conservação da Marambaia:

- Apresentação no Congresso do Avistar em maio de 2015 em São Paulo;
- Entrevista sobre a Marambaia no Avistar com Cris Dornellas e Elton Olegário em maio de 2015 em São Paulo;
- Exposição Marambaia no Fórum de Jaú;
- Entrevista para a TV Record Bauru em 2015;
- Entrevista a TV Comunitária de Jaú em 2016;
- Expedição Marambaia - 10, 11 e 12 de fevereiro de 2017;
- Moção de Aplausos e Congratulações aos Amigos da Fotografia de Jaú pela Campanha da Marambaia - autor Vereador Fernando Barbieri em 2017;
- Moção de Aplausos e Congratulações à Expedição Marambaia no dia 20/02/2017 autor Vereador Fernando Barbieri;
- Carta de apoio do Conselho Municipal de Meio Ambiente de Jaú - COMDEMA à Expedição Marambaia e Campanha da Marambaia;
- Calendário Luto Paulista 2017 sobre a Marambaia - tiragem 15 mil unidades;
- Reportagem do jornal Comércio do Jahu sobre a Expedição Marambaia em 10/02/2017;
- Reportagem do Jornal Cidade de Bauru veiculado no dia 19/02/2017;
- Matéria da Revista Etapa para o mês de março/2017;

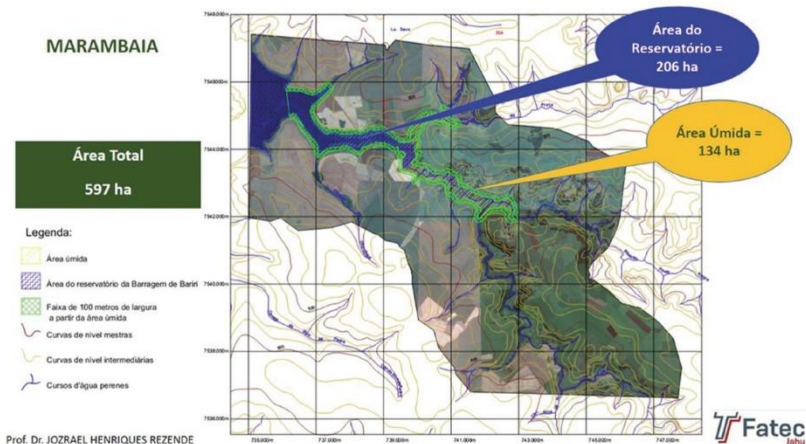


- Reunião na Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (CATI - EDR JAÚ) para apresentação das ações para preservação da Marambaia, com a presença de técnicos da CATI e lideranças do setor agropecuário e ambiental da região da Jaú, em 2017;
- Reunião na CATI -EDR JAÚ para apresentação dos Projetos da AES-TIETÊ para o Reservatório de Bariri, com a presença de técnicos da CATI e lideranças do setor agropecuária e ambiental em 2017;
- Reunião no Sindicato Rural de Jaú para apresentação de proposta para criação de unidade de conservação na Marambaia com a presença de produtores rurais e lideranças do setor agropecuário, em 2017.
- Participação em evento da AES-TIETÊ no Município de Itapuú com a presença do Prefeito Municipal e alunos das escolas municipais com o plantio de mudas de árvores nativas em propriedade rural na Marambaia;
- Petição e entrega de documentos em outubro de 2020 para o tombamento da Marambaia feita no Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Arquitetônico e Cultural de Jahu – CONPACC pela Associação Jauense de Ambiente e Cultura (AJAC) para abertura de processo de tombamento da área de Jaú na Marambaia.

## Considerações Finais

Chega o momento de uma reflexão sobre tudo o que vimos e pesquisamos em relação à Marambaia e percebemos dois momentos básicos, o momento da ocupação humana e o momento da desocupação humana e surge a questão: Qual dos momentos proporcionou mais aspectos positivos ou negativos, onde o ser humano teve mais sucesso ou fracasso? Bom, toda ocupação humana tem aspectos positivos sobre o local como a chegada de estradas, transporte ferroviário, construções, comércios, vida social, produção agropecuária, aspectos culturais e religiosos, dentre outros. E, também, aspectos negativos como possível poluição de mananciais (fontes) de água, desmatamento e redução da biodiversidade. Entretanto, quando a população ausenta-se de determinado local ocorrem processos de regeneração dos recursos naturais, mas também, a ausência da população provoca uma grande perda de identidade com o local, uma drástica redução no sentimento de pertencimento, como se aquele bairro que outrora foi o lar e a vida de muitas famílias se transformasse apenas em um terreno rural, sem qualquer outra aptidão ou uso alternativo além da agropecuária.

O que temos visto na Marambaia é um processo lento e contínuo de apagão de tudo o que outrora existiu e um sentimento de vazio sobre o que ainda poderia vir a existir no futuro. Detalhando um pouco mais sobre as áreas físicas, constatamos que o que consideramos como sendo a Marambaia, através de levantamento do Prof. Jozrael Henrique de Rezende, compreende uma área de 597 hectares, ou seja, uma área relativamente pequena em comparação com a área do município de Jaú que é de cerca de 70.000 hectares.



Mapa 1 – Marambaia

Desses 597 hectares de área da Marambaia:

- 206 hectares (34,5%) inundados pelo reservatório de Bariri sob concessão da AES Tietê atualmente;
- 134 hectares (22,4%) são áreas úmidas, planícies de inundação do Rio Jaú, Ribeirão da Prata e Ribeirão Pouso Alegre em seus trechos finais;
- 257 hectares (43,1%) são áreas de preservação: a maioria são áreas de preservação permanente hídricas e a quase totalidade delas está dentro da área de concessão da AES Tietê.

Bem, sobre os 206 hectares de terras inundadas não podemos fazer nada a respeito pois estão submersas. Sobre os 134 hectares de áreas úmidas, são planícies sazonalmente inundáveis e portanto não há possibilidade de edificações ou out-

ros aproveitamentos econômicos mesmo porque essas áreas pertencem a CESP (Centrais Elétricas de São Paulo), áreas que foram desapropriadas e agora estão sob concessão da AES-Tetê. Sobre os 257 hectares, são áreas de preservação permanente, devem ser obrigatoriamente protegidas segundo o Código Florestal Brasileiro, Lei nº 12.651/2012:

Área de Preservação Permanente é uma área protegida, coberta ou não por vegetação nativa, com a função ambiental de preservar os recursos hídricos, a paisagem, a estabilidade geológica e a biodiversidade, facilitar o fluxo gênico de fauna e flora, proteger o solo e assegurar o bem-estar das populações humanas.

Daí nos deparamos com a seguinte situação: Se não houver nenhuma intervenção ou uso das áreas úmidas das planícies de inundação da Marambaia, áreas que são 100% pertencentes a CESP, ocorrerá naturalmente a regeneração e o equilíbrio biológico nessa faixa. Inclusive esses locais são os principais pontos de alimentação e permanência das aves migratórias, algumas provenientes do pantanal mato-grossense como o tuiuiú, o cabeça seca, patos, marrecos, garças, entre muitas outras. Se, as áreas de preservação permanente, a grande maioria delas pertencentes a CESP e somente uma ínfima parte a propriedades particulares for reflorestada, como aliás determina a legislação ambiental, ocorrerá um grande ganho ambiental ao local em termos de proteção da fauna, flora e das águas.

No entanto é necessário que a sociedade como um todo, veja, sinta e aja nesse sentido. Somente com a mobilização dos diversos atores é que iremos conseguir restaurar esse ambiente tão necessário para a nossa própria vida e qualidade de vida no futuro próximo.

Em nossas constantes visitas temos visto situações preocupantes que necessitam de análise e ações corretivas correspondentes, dentre elas podemos citar:

- Severa deterioração dos leitos dos cursos d'água e mananciais;
- Proliferação de vegetação aquática no reservatório e cursos d'água;
- Matas ciliares degradadas ou ausentes;
- Presença de lixo nas margens, trazido por pessoas ou pelo fluxo dos cursos d'água,



em especial o Rio Jaú;

- Existência de ocupações irregulares em áreas de desapropriação da CESP (APPs);
- Atividades de pecuária em áreas da CESP (APPs);
- Pesca amadora e também comercial sem regramento ou controle;
- Erosão, em especial nas estradas rurais em terra;
- Notícias sobre possíveis instalações de empreendimento potencialmente poluidores;
- Falta de sinalização nas estradas asfaltadas ou em terra;
- Falta de redutores de velocidade ou de fiscalização na estrada vicinal Itapuí-Bo-caina;
- Relatos de problemas relativos à segurança patrimonial e pessoal.

Entretanto, por outro lado, vislumbramos potencialidade fantásticas e únicas que podemos resumir nos seguintes itens:

- Estabelecimento de uma Área de Proteção Ambiental da Marambaia;
- Presença de diversos restaurantes de comidas típicas rurais no núcleo do Bairro de Pouso Alegre de Baixo, facilitando e potencializando o turismo bem como um bar no Bairro da Queixada, bem próximo da Marambaia. E nas cidades de Itapuí e Bariri;
- Estabelecimento de projetos de fomento e assessoria a hotéis, bares, restaurantes, lojas e agências das três cidades envolvidas;
- Potencial turístico: estímulo da economia local com o desenvolvimento do ecoturismo e do turismo rural com atividades relacionadas a observação de aves e da natureza em geral, prática de trilhas, entre outras;
- Agentes locais ativos: Observadores de natureza (Associação Jauense de Ambiente e Cultura - AJAC); ONGs (Instituto Pró-Terra em Jaú e Instituto Ecovida em Itapuí); Órgãos Estaduais de Agricultura (CATI/Jaú, APTA Jaú); Instituição Pública de Ensino Superior (Fatec Jahu); Poder Público Municipal (Câmara e Prefeitura de Jaú), Associações e Cooperativas de Produtores Rurais, Sindicatos Rurais.
- Proximidade com a RPPN “Reserva Ecológica Amadeu Botelho”, uma das RPPNs que participam do Programa de Pagamentos por Serviços Ambientais (PSA) da Secretaria do Meio Ambiente, onde já ocorrem atividades de educação ambiental, observação de pássaros e da natureza em geral; prática de trilhas, feira de produtos



orgânicos, entre outras;

- Existência ainda de pequenos produtores rurais nas proximidades que poderiam oferecer hospedagem, alimentação, passeios à cavalo, passeios de barcos, produtos artesanais (doces, queijos, bebidas, mel, dentre outros mais). Produção de mudas nativas;

- Além da utilização econômica e de sustento, poderíamos elencar o ganho para os moradores: local para passeios em geral, visitação de entidades e escolas; projetos culturais e voltados para o meio ambiente;

- Forma o de mão de obra qualificada para os diversos setores envolvidos.

Outra considera o importante é sobre a ÁGUA, entendemos que a Marambaia    gua! Todo o complexo de águas como minas, fios d'água, córregos, ribeirões, lagoas, várzeas, tudo isso foi o que atraiu os primeiros habitantes a essa região, um local onde havia abundância de água para beber, água para os animais, água para movimentar os moinhos de fubá, água para os alambiques, água para girar as rodas d'água, água para pescar, água para navegar, água para abastecer as locomotivas a vapor, água para plantar, água para o lazer, água para contemplar, água para viver! E como estão todos esses fantásticos mananciais de  gua? Estamos tratando bem deles? É o momento de tomarmos conhecimento da realidade, despertarmos o sentimento de pertencimento, e fazermos cada um a nossa parte, a o da qual não há como nos arrependermos, pois é sobre nossa própria vida, nossa qualidade de vida, nossa identidade. A prote o da Marambaia trará vantagens a todos, as grandes ideias e a es são aquelas pautadas no bem comum e que beneficiam a todos.

## Referências Bibliográficas

SOUZA, Amilcar Marcel de. “Jaú – Sons e Imagens de um Rio!” / Amilcar Marcel de Souza, Yanina Micaela Sammarco e Flavio Levin Cremonesi. - Jaú/SP: Editoração Instituto Pró-Terra , 2014. 82 p.

DEAN, Warren. **A Ferro e Fogo – A História da Devastação da Mata Atlântica Brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Caminhos e Fronteiras**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MARANDOLA, Hugo Leonardo. **Marcas-Matrizes na paisagem do bairro rural Elihu Root: um trilhar humanista**. Tese (doutorado). Rio Claro. Universidade Estadual Paulista, 2017

MASSEI, Roberto. **Construção da Usina Hidrelétrica Barra Bonita e Relação Homem-Natureza: Vozes Dissonantes, Interesses Contraditórios (1940-1970)**. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2007.

OLIVEIRA, Flávia Arlanch Martins de. **Faces da Dominação da Terra (Jaú-1890-1910)**. São Paulo: FAPESP, 1999.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Bairros Rurais Paulistas**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1973.

REZENDE, Jozrael Henriques. **Análise Fluviológica e Ambiental da Bacia Hidrográfica do Rio Jaú - SP**. 2009. 180 f. Tese (Doutorado em Ciências Biológicas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009

TEIXEIRA, Sebastião. **O Jahú em 1900: Repositório de Dados, Informações e Documentos para A Historia do Jahú**. Forgotten Books, 2018.

### Sites:

Data GEO – Sistema Ambiental Paulista: [datageo.ambiente.sp.gov.br](http://datageo.ambiente.sp.gov.br) Acesso em 16/01/2021

**Documentos:**

Decreto nº 51.789, de 4 de Março de 1963 in <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-51789-4-marco-1963-391600-publicacaooriginal-1-pe.html> Acesso em 06/01/2021

Câmara Municipal de Jaú - Estrada da Marambaia - [http://www.camarajau.sp.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=1143:resumo-27o-sessao-ordinaria-2018&catid=112:sessoes-2018](http://www.camarajau.sp.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1143:resumo-27o-sessao-ordinaria-2018&catid=112:sessoes-2018) Acesso em 06/01/2021

**Entrevistas gravadas ou por escrito:**

- Sr. Antonio Augusto Nascimbem aos autores em 10/03/2015 por escrito
- Sr. Valter Saccharo aos autores em 03/01/2021 através de sua filha Daniara Saccharo Ortolani por escrito
- Sr. Dionísio Saccharo aos autores em 16/01/2021 através de sua sobrinha Valéria Pataro

**Entrevistas não gravadas:**

- Sr. Leonildo Antonelli aos autores em 09/01/2021 no Bairro da Queixada- Bariri-SP
- Sr. João Dalpino aos autores em 09/01/2021 na Ponte sobre o Ribeirão da Prata-divisa Bariri-Jaú-SP
- Sr. Martins aos autores em 09/01/2021 em frente a Capela da Marambaia – Jaú-SP



Garça branca grande ( *Ardea alba* )    Autor: Paulo Guerra



O livro apresenta e delimita o espaço e as características da localidade chamada Marambaia entre os municípios de Jaú, Itapuí e Bariri no centro do estado de São Paulo. Juntamente com um breve histórico desse bairro rural de forma a evidenciar sua importância ao longo da existência dos municípios que a cercam. Revelando ainda, sobre os roteiros e as possibilidades de visitação na atualidade. Aponta e enumera os esforços de conserva o e as potencialidades dessa região como forma de reocupa o em outras bases.

ISBN: 978-65-00-17306-2

**CDL**



9 786500 173062